

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

5



S.L. 03.007.011

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

5



374291 -D

VERBO

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*  
SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Direcção**

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

ANÍBAL PINTO DE CASTRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)*

GLADSTONE CHAVES DE MELO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

MARIA APARECIDA RIBEIRO  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**Secretaria-Geral**

A cargo do  
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo  
sob a direcção de João Bigotte Chorão

## COLABORADORES DO QUINTO VOLUME

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Graça Abreu*  
*Prof. Doutor Cláudio Aguiar*  
*Prof. Dr. Fernando Aires*  
*Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Almeida*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Almeida*  
*Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*  
*Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida*  
*Dr.<sup>a</sup> Eloísa Álvarez*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Marta Teixeira Anacleto*  
*Dr.<sup>a</sup> Sara Manuela R. M. Augusto*  
*Prof. Doutor José Carlos de Azeredo*  
*José Américo de Miranda Barros*  
*Prof. Doutor Vicenç Beltran*  
*Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Sílvia Betti*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Élvia Bezerra*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Eugénia Boaventura*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria da Glória Bordin*  
*Prof. Doutor Paulo Alexandre Esteves Borges*  
*Dr.<sup>a</sup> Vera Borges*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Luísa Malato Borralho*  
*Alexei Bueno*  
*Dr. A. M. Pires Cabral*  
*Prof. Doutor Alberto Carvalho*  
*Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*  
*Dr. João Bigotte Chorão*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Robalo Cordeiro*  
*Dr. Joaquim Correia*  
*Dr. Leonel Cosme*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Neyde Vieira da Cunha*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuela Gouveia Delille*  
*Dr.<sup>a</sup> Ana Teresa Diogo*

*Prof. Doutor João Dionísio*  
*Prof. Doutor Thomas F. Earle*  
*Dr.<sup>a</sup> Ângela Fernandes*  
*Prof. Doutor Eucanaã Ferraz*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz*  
*Prof. Doutor Pere Ferré*  
*Dr. José Alberto Ferreira*  
*Dr.<sup>a</sup> Maria Ema Tarracha Ferreira*  
*Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário Ferreira*  
*Serafim Ferreira*  
*Prof. Doutor Manuel Ferro*  
*Dr. Albano Figueiredo*  
*Prof. Doutor João Almeida Flor*  
*Dr.<sup>a</sup> Ana Margarida Fonseca*  
*Dr. Rui Formoso*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria do Céu Fraga*  
*Doutora Júlia Garraio*  
*Prof. Doutor Armando Gens*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Gens*  
*Prof. Doutor Sérgio Martagão Gesteira*  
*Dr. Paulo J. Pedrosa S. Gomes*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Gonçalves*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Maria Goulart*  
*Dr. Fernando Guimarães*  
*Prof. Doutor Manuel Gusmão*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Hatherly*  
*Dr. Eduíno de Jesus*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Saraiva de Jesus*  
*Prof. Doutor Carlos Newton Júnior*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Giulia Lanciani*  
*Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira*  
*Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal*

António Leitão  
Prof. Doutor Eugénio Lisboa  
Danilo Lobo  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Cristina Macário Lopes  
Prof. Doutor António Apolinário Lourenço  
Prof. Doutor Manuel dos Santos Lourenço  
Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado  
Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Machado  
Prof. Doutor Ubiratan Machado  
Prof. Doutor Wagner Martins Madeira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Marnoto  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho  
Prof. Doutor João Francisco Marques  
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Inocência Mata  
Prof. Doutor Walter de Medeiros  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Cléa Mello  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Mello  
Dr. Pedro Mexia  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Dulce Mindlin  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Margarida Miranda  
Dr. Ângelo Monteiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ofélia Paiva Monteiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima Freitas Morna  
Dr.<sup>a</sup> Isabel Morujão  
Prof. Doutor Aires A. Nascimento  
Prof. Doutor Miguel Sanches Neto  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Lucila Nogueira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Vera Casa Nova  
Dr.<sup>a</sup> Virgínia de Carvalho Nunes  
Prof. Doutor António de Oliveira  
Dr. José Manuel de Oliveira  
Prof. Doutor José Rodrigues de Paiva  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosário Santana Paixão  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Carme Villarino Pardo  
Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Rocha Pereira  
Dr. Paulo J. Silva Pereira  
Prof. Doutor Paulo Roberto Pereira

Dr.<sup>a</sup> Maria da Graça Pericão  
Prof. Doutor Sebastião Tavares de Pinho  
Dr. José Alves Pires  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Lucília Gonçalves Pires  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria da Natividade Pires  
Prof. Doutor António Pedro Pita  
Dr. Fernando Py  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria José de Queirós  
Dr. José Querido  
Prof. Doutor Américo Costa Ramalho  
Prof. Doutor Luiz Francisco Rebello  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Aparecida Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Graça Maria Rio-Torto  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Clara Rocha  
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Idalina Resina Rodrigues  
Prof. Doutor Urbano Tavares Rodrigues  
Dr. Henrique Barrilaro Ruas  
Prof. Doutor Joel Rufino dos Santos  
Dr.<sup>a</sup> Ana Dulce de Seabra  
Prof. Doutor António Carlos Secchin  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Tânia R. C. Serra  
Prof. Doutor Francisco Soares  
Prof. Doutor Carlos Mendes de Sousa  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor Machado de Sousa  
Dr. Hélio Teixeira  
Dr.<sup>a</sup> Maria Antónia Gaspar Teixeira  
Prof. Doutor José Terra  
Prof. Doutor Ricardo Thomé  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Helena M. R. A. Costa Toipa  
Gema Vallín  
Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia de Arede Chaves Vasconcelos  
Dr. Taborda de Vasconcelos  
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga  
Prof. Doutor José Carlos Venâncio  
Prof. Doutor Anco Márcio Tenório Vieira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Elódia Xavier  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Regina Zilberman

vado *O Monopólio da Ciência Oficial* (1888), em que explana o seu velho desprezo pelo ensino oficial («para se saber muito e dominar a ciência, é somente necessário fugir dos liceus, da universidade, e das escolas superiores» que, diz, são suficientes para «um espírito se atrasar, ficar doente ou anulado»). Nos últimos anos de vida presidiu ao Instituto Histórico do Minho.

Domingos Tarroso alicerça a sua teoria literária nas suas convicções filosóficas, que sistematiza, com originalidade e também com algumas incongruências, em *Filosofia da Existência. Esboço Sintético de uma Filosofia Nova* (1881). Aí, com inegável capacidade especulativa, «concilia duas linhas de força: a positivista e metodológica de raiz comteana, e a metafísica de cariz hartmanniano» (Sá do Rio), elaborando um sistema tão influenciado pelo evolucionismo e pelo cosmogonismo da época como voluntariamente antipositivista, ou, pelo menos, contrário à interpretação que era então feita em Portugal da filosofia de Comte.

D. T. estende a aplicação da teoria da evolução à marcha da civilização e da História, e com ela explica também o estado da literatura coeva (veja-se, sobretudo, a *Poesia Filosófica*). Assim, nas literaturas cultas, e sobremaneira na portuguesa, encontra a petrificação artificial das formas e modelos clássicos, explicável apenas por um culto antinatural e extemporâneo dos escritores consagrados. Entendendo que esse culto impede a evolução natural da língua e afasta os escritores da linguagem viva, das tradições e da «vida geral da nação», procura lançar as bases de uma «renovação científica das literaturas». O seu programa passa, em primeiro lugar, pela reforma geral da ortografia, que pretende de natureza fonética, e pela elaboração de uma nova gramática do português, norteadada pela aproximação da língua natural, cuja autoridade deverá imperar em todos os casos. Como exemplo de outras reformas a consagrar por essa gramática, que dispensaria abonações de escritores de épocas

passadas, lembrem-se apenas a formação de plurais e femininos, e de formas verbais, a aceitação de maior liberdade sintáctica ou a adopção de uma prosódia fundada na «linguagem natural». Por outro lado, dentro do campo da poesia, defende a rima como característica essencial do verso moderno, e considera que o heptassílabo é o «mais recente estado» atingido pelo verso natural na literatura portuguesa.

A obra de D. T. inclui prosa e poesia; e, se Cunha Seixas descobriu o artista logo nos primeiros poemas publicados, não podemos deixar de notar que há também muito de prosaico e de excessivamente programático neste autor a quem os compêndios de História da Literatura portuguesa dedicam pouca atenção. Foi sobretudo a sua tentativa de sistematização de um sistema filosófico original que na época atraiu também a atenção de Oliveira Martins, Antero de Quental (pertence-lhe uma carta prefácio a *Filosofia da Existência*) e Teófilo Braga, e que ainda hoje lhe dá um lugar de algum relevo na cultura portuguesa.

OBRAS: Muitos artigos de D. T. encontram-se dispersos em publicações periódicas, do Norte e de Lisboa. Publicou: *Philosophia da Existência, Esboço Synthetico de uma Filosofia Nova* [Ponte de Lima], 1881; *O Monopólio de Sciencia Official*, s/l, 1888; *A Poesia Filosofica. Poemas Modernos. Com um programa sobre a renovação scientifica da litteraturas e um excerpto da Poesia Nova*, Ponte de Lima, 1883; *Beatriz, a Ruça. Episódios da Província* [Ponte de Lima], 1886; *A Geração Nova*, Lisboa, 1879.

BIBLIOGRAFIA: Oliveira Martins, «Literatura Filosófica», in *Estudos de Literatura*, Lisboa, 1955; Cunha Seixas, *Ensaio de Crítica Filosófica* (atraído talvez pelas afinidades que existem entre o seu próprio sistema filosófico e o de D. T., dedica à sua obra mais de meia centena de artigos); J. Pinharanda Gomes, «Filologia e Filosofia», in *Revista de Portugal*, série *A Língua Portuguesa*, XXX (1965), pp. 271-283; M. A. do Rio, «Domingos Tarroso (1860-1933) — Itinerário Filosófico», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, XXXIV (1978), 4, pp. 339-358 (inclui indicações bibliográficas).

Maria do Céu Fraga

### TASSO (Torquato)

Poeta italiano cuja recepção em Portugal foi determinante para a evolução do poema épico (Sorrento, 1544-Roma, 1595).

Marcado por uma infância atribulada, acompanha o pai no exílio e cedo estabelece contacto com as letras, começando por compor poemas líricos de feição petrarquista, primeiro no âmbito da Academia dos Etéreos, de Pádua, com o nome de Pentito, depois no ambiente cortesão de Ferrara, para onde se desloca a fim de acompanhar o cardeal Luigi d'Este. Aos 18 anos, publica *Rinaldo* (1562), poema em doze cantos em que tenta conciliar a tradição da poesia épico-cavaleiresca com os princípios da poética aristotélica. Na sequência desta obra, redige *Aminta. Una favola boschereccia* (1573), drama pastoril caracterizado pelo ambiente bucólico e pela fina sensibilidade no tratamento dos sentimentos. Inicia também a tragédia *Galealto, re di Norvegia*. A partir de então centra a sua atenção na composição de um poema épico, que respeite por completo as regras clássicas. Dessa reflexão, resultam os *Discorsi dell'Arte Poetica*, publicados posteriormente em 1587. Redige primeiro um pequeno esboço, o *Gerusalemme* (1559-1561), e, depois, a *Gerusalemme Liberata* (1575), em vinte cantos, que canta a conquista da Cidade Santa durante a primeira cruzada, em 1099. A partir de 1577, começa a sofrer de doença psíquica e melancolia devido à debilidade física, às intrigas na corte e às críticas que lhe são dirigidas. Passa largos períodos internado no Hospital de Sant'Anna, em Ferrara, de 1579 a 1586.

Enquanto o poema tem eds. sucessivas, inicia de imediato a sua correcção, tentando corresponder às críticas que lhe são tecidas. A partir de 1584, vê-se envolvido na polémica com a Academia da Crusca, de Florença, sobre a composição da sua epopeia, as regras do poema épico e o uso da língua italiana. Em paralelo, escreve a primeira série de *Diálogos* e o intenso epistolário dirigido aos seus amigos, em busca de apoio.

Em 1587, retoma a tragédia iniciada anos antes, mudando-lhe o título para *Il Re Torrismondo*. Depois de libertado, em

Nápoles, inicia no ano seguinte o poema *Il Monte Oliveto* e compõe *Della vita di San Benedetto*. O sentimento religioso assume então uma importância que o torna um homem devoto, que procura o recolhimento e, por esse motivo, dedica o seu tempo à composição de outras obras, como *Lagrima di Maria Vergine*, *Lagrima di Gesù Cristo* e *Sette Giornate del Mondo Creato*. Em 1593, conclui a longa revisão do seu poema maior, sob o título de *Gerusalemme Conquistata*, agora com 24 cantos. Quando se prepara a sua coroação poética em Campidoglio, morre em Roma, no Convento de Sant'Onofrio.

A partir do período romântico, a biografia de Tasso tornou-se um símbolo das dificuldades sentidas pelo poeta nas relações com a sociedade e com o poder, e a sua figura aliou-se ao ambiente bucólico da idade do ouro, reconstituído no *Aminta*. Tornava-se, assim, um protótipo da figura do poeta romântico.

As primeiras referências de T. na literatura portuguesa devem-se a Diogo Bernardes, nos sonetos «A graça nos teus versos imprimida» e «Senhor qual sempre fui, tal sou agora», incluídos nas *Rimas várias. Flores do Lima* (1597), em que já se começa a estabelecer uma distinção entre este poeta e Ariosto a propósito da concepção do poema heróico. Contudo, só depois se afirma no contexto português como um modelo a seguir, nos comentários de Manuel de Faria e Sousa a *Os Lusíadas* (1639), ou quando Tomé Pinheiro da Veiga, nas páginas da *Fastigi-mia*, trata de Ariosto. Torna-se T. uma figura emblemática pelo prestígio alcançado, pela excelência da epopeia, e a sua obra afirma-se gradualmente como paradigma que se contrapõe ao modelo camoniano. À dualidade Ariosto-Tasso, sobrepõe-se o par Tasso-Camões. À medida que o culto de Camões se consolida, em detrimento de outros poetas épicos, a excepção diz respeito a T., que é colocado em termos de igualdade, talvez pelo facto de, entretanto, se ter divulgado o soneto que compusera em honra do poeta por-

tuguês. Dessa aproximação resulta uma polémica que se arrasta depois da década de 20, até à segunda metade do séc. XVII, quer nas academias, quer entre os críticos literários. Formam-se duas tendências — a dos tassistas e a dos «camoístas» — e a disputa aborda, num plano teórico, aspectos éticos, religiosos, estéticos, poéticos e, num plano prático, questões relacionadas com a estrutura dos poemas, o seu desenvolvimento, o recurso ao maravilhoso, a caracterização do herói, entre outros aspectos mais secundários.

As achegas de D. Francisco Manuel de Melo no *Hospital das Letras* (1721), bem como noutras obras, revelam o apreço sentido pela leitura do poeta italiano e, necessariamente, as circunstâncias em que o faz não deixam de proporcionar o confronto com Camões. Alguns círculos tornam-se mais afectos à leitura de T., como modelo perfeito da poesia heróica, mas o contexto político da época, a exaltação do espírito nacionalista e a discussão à volta de certos conceitos poéticos, não deixam de insistir na defesa do poema de Camões. José de Macedo (no *Antídoto da Língua Portuguesa*, de 1710) vem nesta linha de exaltação das glórias nacionais perante o acolhimento dado a T. De modo semelhante, João Franco Barreto, na *Micrologia Camoniana*, dá um testemunho deste confronto poético, mostrando, no entanto, apreciar as excelências da poesia tassiana. No âmbito da Academia dos Generosos, João Nunes da Cunha é referido como autor de uns «Commentos de Tasso», quer por D. Francisco Manuel de Melo quer pelo P.<sup>e</sup> José de Faria Manuel, dando azo à hipótese de ter havido sessões da Academia em que se explicava o poema tassiano ou, pelo menos, onde se abordavam as considerações teóricas expressas pelo poeta italiano acerca do poema heróico, contidas nos *Discorsi*. Nesta sequência se situa a obra de Manuel Pires de Almeida, que tenta assimilar os conceitos expostos e os tópicos tratados. Igual atitude revela Manuel de Faria e Sousa, muito embora

sempre exaltando o poeta nacional e chegando a defender uma pretensa filiação da *Gerusalemme Liberata* em determinados passos do poema português. Pedro de Mariz, na *Vida de Luís de Camões* (1613), e João Soares de Brito, na *Apolo-gia camoniana* (1641), preservam este par, Camões e T., reconhecendo-lhes o primado da épica — aspecto que se vai projectar nas páginas do conde de Ericeira na introdução à *Henriqueida* (1741), um século mais tarde. Esta dualidade ainda vai persistir pelo séc. XVIII fora, p. ex., no *Retrato de Mortecor* (1749), do P.<sup>e</sup> Francisco Duarte, opositor de Verney, na polémica contra o *Verdadeiro Método de Estudar*. Aí se exalta o poema de T., mas longe de alcançar os méritos de Camões. Depois disso, os dois poetas surgem irmanados a Homero e Virgílio pelo P.<sup>e</sup> Tomás José de Aquino, ou a Milton e Voltaire, por António das Neves Pereira, bem como nos *Apontamentos sobre o estudo da Retórica*, de José Caetano de Mesquita e Quadros. Por sua vez, Francisco Dias Gomes associa-o a Ariosto, numa clara reabilitação deste último, mas sempre distanciando Camões dos restantes poetas. Francisco José Freire, na *Arte Poética* (1748), e Francisco de Pina e Melo, na introdução ao *Triunfo da Religião*, ou na *Arte Poética* (1765), respectivamente, revelam-se mais críticos perante a obra tassiana e procedem a um reajuste de conceitos críticos, já libertos das polémicas que os antecederam.

Paralelamente, a recepção da *Gerusalemme Liberata* nos poemas épicos dos sécs. XVII e XVIII é um fenómeno que acompanha e reproduz a discussão que se fez dos conceitos teóricos. A partir da *Elegtada* (1589), de Luís Pereira Brandão, rara é a epopeia que não revele aspectos, ecos, reminiscências, paráfrases de passos e frases, que contribuem para a caracterização de personagens, a construção de episódios e situações, em que de mais perto ou mais longe não se siga o modelo tassiano. A *Malaca Conquistada* (1734), de Francisco Sá de Meneses,



além da sugestão do título, inclui partes que fazem recordar os episódios de Rinaldo e Arminda. *El Macabeo* (1638), de Miguel da Silveira, além do decalque da estrutura formal do poema, da inspiração de assunto religioso, e do tom melancólico e fatalista em que decorre a acção, imita passos como o dos amores de Tancredo e Clorinda, vividos agora pelas personagens Rodoqueo e Ariclea. O modelo tassiano, no que respeita à divisão em vinte cantos, ao modelo de herói piedoso, à unidade da acção, em que a própria atmosfera bélica ganha tonalidades tassianas, o tratamento dos sonhos, são aspectos presentes sem poemas que versam tanto temas guerreiros, como religiosos: o *Condestabre* (1610), de Francisco Rodrigues Lobo, e *Afonso Africano* (1611), de Vasco Mouzinho de Quevedo e Castelo Branco, revelam ecos da *Gerusalemme* na caracterização dos heróis e no desenrolar da acção bélica; a *España libertada* (1618 e 1643), de Bernarda Ferreira de Lacerda no tom épico-religioso da reconquista cristã; *Virginidos* (1667), de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos, na exaltação dos valores cristãos. Os *Novíssimos do Homem* (1623), de D. Francisco Child Rolim de Moura, remetem para episódios como o da descida aos infernos; a *Ulisseia* (1636), de Gabriel Pereira de Castro, para o tratamento do sobrenatural. Outras reminiscências se detectam na *Destruição de Espanha* (1671), de André da Silva Mascarenhas, ou no *Viriato Trágico* (1699) de Brás Garcia de Mascarenhas, onde é possível identificar o episódio tassiano de Olinda e Sofrónio, entre outros mais. A invocação à Virgem ou a outros santos em vez das musas da tradição clássica, os concílios dos deuses infernais e as delícias da ilha de Armida tornam-se tópicos explorados até à exaustão.

No âmbito da lírica, logo nas primeiras décadas de Seiscentos, António Álvares Soares revela-se um atento leitor dos sonetos tassianos, ao ponto de parafrasear um deles em «Amor alma é do mundo,

Amor é mente» (*Rimas Várias*, 1628). Contudo, o soneto tassiano que mais projecção teve na literatura portuguesa foi o que o vate italiano dedica a Camões e Vasco da Gama e que aparece em Portugal a acompanhar a segunda ed. das *Rimas camonianas*, em 1598.

*Aminta*, curiosamente, não veio suscitar em Portugal o aparecimento de um filão de drama pastoril, como aconteceu em Espanha. No entanto, não deixa de ser lido e, embora difusamente, aparece referido em inúmeras composições poéticas, muitas delas anónimas, ainda hoje inéditas, incluídas em mss. das nossas bibliotecas, ou mais tarde incluídas nas páginas da *Fénix Renascida* ou do *Postilhão de Apolo*. De qualquer modo, a sua difusão contribui também para a formação de um ambiente que proporcionou a composição de obras como a *Lusitânia Transformada* (1607), de Fernão Álvares do Oriente.

Contudo, a passagem para o séc. XIX mostra-nos uma mudança de perspectiva na recepção da obra tassiana em Portugal. Garrett lê-o, exalta a sua sensibilidade e a melancolia do seu canto. A ele se refere nas *Viagens na Minha Terra*. Herculano declara preferi-lo a Camões e redige uma biografia tassiana para o *Panorama*. Assim, a vida sofrida do poeta torna-se o assunto de várias obras, o poeta ganha novas simpatias pelo percurso atormentado que a vida lhe reservara e pelo cunho religioso do seu canto, insistindo-se em aspectos como a sorte adversa, a incompreensão perante o mundo, os amores não correspondidos, a própria loucura e o internamento no Hospital de Sant'Anna. Francisco José Pinheiro Guimarães inspira-se nestes factos para compor um libreto. Rodrigo de Azevedo Sousa da Câmara escreve o drama *Torquato Tasso* (1842), inspirado em Goethe; Cândido de Figueiredo redige outro com o mesmo título (1870); António Xavier Rodrigues Cordeiro compõe um poema intitulado *Tasso no Hospital dos Doidos* (1889) e Manuel Fernandes de

Abreu usa o mesmo título para um monólogo.

Com as celebrações dos centenários, o de Camões (1880) e o da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1898), surgem ensaios, brochuras, discursos e prefácios a eds. de *Os Lusíadas*, onde T. não é esquecido, mas onde se pretende mostrar a superioridade do poeta português, tendo em conta o carácter nacional do seu canto. Manuel Martiniano Marrecas, Francisco da Silva Figueira, Silva Túlio, António de Campos Júnior, Latino Coelho, são unânimes neste parecer. Perante esta abordagem da questão, o par Camões-Tasso passa a ser substituído pelo de Camões-Dante, que o *Risorgimento* impusera como representante da cultura italiana. Todavia, José Corregedor da Fonseca ainda lhe dedica um soneto (*Ruínas*, 1897) e Teófilo Braga, dois, incluídos na *Visão dos Tempos* (1894-1895).

Embora com algum atraso face às restantes línguas europeias, a difusão da obra tassiana em língua portuguesa fez-se em Portugal logo a partir do séc. XVII. A primeira trad. da *Gerusalemme Liberata*, publicada em 1689, deve-se a André Rodrigues de Matos. As emendas propostas pelo seiscentista André Nunes da Silva a esta versão permanecem inéditas ainda hoje e revelam as alterações e discordâncias que este autor adianta para uma adequada revisão do poema. A versão que se lhe segue, de Pedro de Azevedo Tojal, apenas foi parcialmente publicada em 1738. Das trads. da segunda metade do séc. XVIII, as dos P.<sup>es</sup> Luís José Lopes Caeiro Pereira e João Vieira Caldas, perdeu-se-lhes o rasto, e apenas chegou até nós a de J. F. Pereira, bem como duas versões mss. de autor desconhecido, uma delas em prosa.

No entanto, o séc. XIX vê florescer a difusão do texto da *Liberata* em Portugal. Traduzem-se excertos e episódios avulsos da responsabilidade, entre outros de F. J. Xavier Monteiro de Barros, Luís Vicente de Sismondi (aliás o autor da

única trad. conhecida do *Aminta*, incluída no *Ramalhete Poético do Parnaso Italiano*, de 1843) e Bocage. Em 1859 e em 1882, surgem mais duas eds. da trad. de André Rodrigues de Matos, e, de seguida, publicam-se as de José Ramos Coelho (1864), a de melhor qualidade literária, e a de João Felix Pereira (1877).

No fim do século, verificou-se uma eclosão de trads. do soneto a Camões e a Vasco da Gama da responsabilidade de João Joaquim de Almeida Braga, J. Leite de Vasconcelos, Mendes Leal e Ramos Coelho, série que se conclui com uma versão de Jorge de Sena, publicada já em 1971.

A consolidar a popularidade da obra e da vida de T. em Portugal, refira-se ainda a trad. das *Veglie del Tasso*, uma fraude literária romântica, que inclui 34 textos de carácter autobiográfico, redigidos pretensamente durante o cativeiro do poeta no Hospital de Sant'Anna, em Ferrara, forjada por Giuseppe Compagnoni. A trad. portuguesa surge em Paris, da responsabilidade de «uma portuguesa», em 1828, com o tít. sugestivo de *Vigílias de Torquato Tasso*.

BIBLIOGRAFIA: Arturo Farinelli, «Tasso in Ispagna. Una versione inedita della 'Gerusalemme'», in *Italia e Spagna*, II, Torino, 1929, pp. 235-285; Giuseppe Carlo Rossi, *A Poesia Épica Italiana do Século XVI na Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1944; id., *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto, 1973; Alessandro Tortoreto, «Il Tasso in Ispagna e in Portogallo», in *Studi Tassiani*, 1, 1951, pp. 67-75; José da Costa Miranda, *Estudos Luso-Italianos. Poesia Épico-Cavaleiresca e Teatro Setecentista*, Lisboa, 1990, pp. 111-191; id., «Torquato Tasso, *Gerusalemme Liberata*: A intervenção da censura inquisitorial portuguesa», in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 36, 1981, pp. 47-56; id., «André Nunes da Silva: Acerca das suas emendas à versão da *Gerusalemme Liberata*, de Tasso, por André Rodrigues de Matos», in *Revista da Universidade de Coimbra*, 31, 1984, pp. 461-466; id., «Camões/Tasso: Um confronto e algumas semelhanças segundo a crítica portuguesa», in *III Reunião Internacional de Camonistas (10 a 13 de Novembro de 1980). Actas*, Coimbra, 1987, pp. 387-402; id., «Ainda sobre o soneto de Tasso em louvor do Gama e memória de Camões», in *Actas do Primeiro Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Universidade de Poitiers. 24 a 28 de Junho de 1984*, Poitiers, 1988, pp. 435-440; Maria Lucília Pires, *A Crítica Camoniana do Século XVII*, Lisboa, 1982.

Manuel Ferro